

CÍCERO. DO ORADOR 1.78-122¹Adriano Scatolin²

Resumo: O trecho traduzido segue a *disputatio in utramque partem* entre os personagens Crasso e Cévola acerca do valor da eloquência e de seus requisitos. Introduce a discussão sobre o estatuto da retórica, que, embora remonte, em última instância, a Platão e a Aristóteles, concerne sobretudo à filosofia helenística.

Palavras-chave: Cícero, *Do orador*, retórica, oratória, filosofia

Abstract: The passage selected follows the *disputatio in utramque partem* by the characters Crassus and Scaevola on the value of eloquence and its requirements. It introduces the discussion on the status of rhetoric which dates back to Plato and Aristotle, but derives ultimately from Hellenistic Philosophy.

Keywords: Cicero, *De Oratore*, rhetoric, oratory, philosophy.

Tradução

78. Nesse momento Crasso observou :

— Lembre-se³ que não estava me referindo à minha capacidade, mas à do orador. Ora, o que aprendemos ou podemos conhecer, nós, que passamos a atuar antes de estudar? Nós, a quem no fórum, na carreira, na política, na defesa dos interesses dos amigos, a própria prática preparou antes mesmo que pudéssemos suspeitar de questões tão importantes? 79. Porque, se você considera que há tamanho valor em nós, a quem, mesmo que não tenha de todo faltado o engenho, como você pensa, sem dúvida faltaram a formação teórica, o tempo livre e, é certo, mesmo aquele desejo tão ardente de aprender: de que natureza e magnitude pensa você que seria o orador, se a um engenho maior se somassem aqueles elementos a que não tive acesso⁴?

80. Disse então Antônio:

1 Texto de base para a tradução: Kumaniecki 1969. Todos os itálicos usados nas traduções citadas em nota são nossos; todas as datas são a.C.; todas as referências ao *De oratore* são feitas pela simples notação de livro e parágrafo; as demais, seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary* e do *Greek-English Lexicon* de Liddell, Scott & Jones. O tradutor agradece Marlene Lessa Vergílio Borges pela leitura atenta e revisão técnica da tradução.

2 Professor de Língua e Literatura Latina na USP.

3 Crasso responde à observação feita por Cévola em 1. 77: “Porém, se a você mesmo nada falta saber que diga respeito às questões públicas e civis, e se tem o domínio daquele conhecimento que acrescenta ao orador, cuide-mos para não atribuir a ele mais do que os fatos e a própria realidade permitem.”

4 Antônio retomará esta observação adiante, em 1. 95. Em ambos os casos, temos a prefiguração da figura de Cícero, a que o leitor contemporâneo, é de supor, associaria as observações. Para a importância que o próprio Arpinate conferia a sua formação teórica, cf. *Brut.* 305-316.

— Você é convincente naquilo que diz, Crasso, e não duvido que alguém venha a ser muito mais opulento ao discursar se compreender o princípio e a natureza de todas as coisas e artes. 81. Mas, em primeiro lugar, isso é difícil de conseguir, sobretudo considerando esta vida que levamos e nossas ocupações. Além disso, é de recear que nos afastemos desta nossa prática oratória popular e pública⁵. É que me parece ser completamente diferente o modo de discursar dos homens que mencionou há pouco⁶, ainda que falem de maneira ornada e grave acerca da natureza ou das questões humanas. Trata-se de um tipo de palavras extremamente brilhante, florido e mais apropriado ao ginásio e ao óleo dos atletas que a esta massa de cidadãos do fórum. 82. De fato, mesmo eu, que tive contato com as letras gregas apenas tardia e superficialmente, quando parti para a Cilícia como procônsul e estive em Atenas⁷, demorei-me vários dias por lá devido às dificuldades de navegação. Ora, como tinha diariamente em minha companhia homens eruditíssimos — praticamente os mesmos que acaba de mencionar⁸ — e, não sei por que razão, difundira-se entre eles que, tal como você, eu costumava me ocupar das causas mais importantes, cada um deles discorria, na medida de suas possibilidades, acerca do ofício e da natureza do orador. 83. Alguns deles, tal como o mencionado Mnesarco⁹, afirmavam que aqueles a quem denominamos oradores não passavam de operários de língua ágil e treinada; que ninguém seria um orador sem ser sábio; que a própria eloquência, que consistiria na ciência do dizer bem, seria uma virtude; que aquele que tivesse uma única virtude teria todas; e que elas seriam iguais e equivalentes entre si. Desse modo, aquele que fosse eloquente teria todas as virtudes e seria um sábio. Mas essa era uma maneira de falar bem espinhosa e seca, e bastante afastada de nossas concepções¹⁰. 84. Cármadas¹¹, por sua vez, falava com muito mais riqueza acerca dos mesmos assuntos, embora não para revelar o que pensava, pois era um costume tradicional da Academia opor-se sempre a todos nas discussões. Contudo, naquele momento em particular, dava a entender que aqueles que são denominados rétores e que ensinam os preceitos da oratória não têm perfeito domínio de nada, nem podem alcançar habilidade oratória alguma se não estudarem as descobertas dos filósofos. 85. Adotavam a posição contrária atenienses expressivos e versados em política e em causas, entre os quais estava aquele que há pouco tempo esteve em Roma como meu hóspede, Menedemo¹².

5 As palavras de Antônio espelham as de Cícero no prólogo, em 1. 12, passagem na qual o Arpinate apontara o afastamento da linguagem comum como o maior defeito de um orador (“[...] nas demais artes, sobressai-se particularmente aquele que se encontra mais distante do entendimento e da percepção dos leigos, ao passo que, na oratória, o maior dos defeitos é apartar-se da maneira usual de falar e da praxe do senso comum”). No presente caso, tal afastamento se daria pela elevação da maneira de falar dos filósofos, inadequada à massa do fórum, segundo o personagem.

6 Em 1. 49, Crasso mencionara a elocução ornada dos filósofos Demócrito, Platão, Aristóteles, Teofrasto e Carnéades.

7 Antônio fora procônsul no biênio 101-100.

8 Em 1. 45, Crasso, em situação análoga à de Antônio (o personagem dirigia-se então da Macedônia, onde fora questor, para Atenas), menciona as discussões filosóficas a que assistira, citando os nomes de Cármadas, Clítemaco, Êsquines e Metrodoro (acadêmicos), Mnesarco (estoico) e Diodoro (peripatético).

9 Mnesarco, filósofo estoico de época helenística. Não se sabem as datas exatas de sua vida.

10 Ao longo do diálogo, a maneira de falar dos estoicos é apresentada como inadequada ao orador em virtude de sua aridez. Cf. 2. 159 (fala de Antônio): “Nesse aspecto, portanto, esse estoico não nos ajuda em nada, uma vez que não nos ensina como descobrir o que falar. Além disso, ele chega mesmo a nos atrapalhar, porque encontra muitos raciocínios que afirma serem impossíveis de desenredar e utiliza, não um tipo de linguagem límpido, solto e fluente, mas seco, árido, fragmentado e entrecortado. Se alguém aprovar essa maneira de discursar, aprovará admitindo, porém, que ela não é adequada ao orador.”; 3. 66 (fala de Crasso): “Soma-se a isso o fato de [sc. os estoicos] apresentarem uma maneira de discursar que é acurada, talvez, e certamente profunda, mas que, para um orador, é árida, desusada, desagradável aos ouvidos do público, obscura, ineficaz, seca e de uma natureza tal, que é simplesmente impossível empregá-la perante o público”.

11 Cármadas (c. 165-91), filósofo acadêmico, discípulo de Carnéades.

12 Menedemo (datação incerta), orador ateniense.

Como este afirmava haver uma ciência que consiste na investigação dos princípios do estabelecimento e do governo das repúblicas, inflamava-se Cármadas, homem resoluto e provido de todo tipo de formação teórica e de uma incrível variedade e abundância de conhecimentos. De fato, ele mostrava que era preciso buscar todos os elementos daquela ciência na filosofia, e que não se encontra em parte alguma dos manuais dos rétores aquilo que se determina, numa república, acerca dos deuses imortais, da formação da juventude, da justiça, da firmeza, da temperança, da medida em todas as coisas¹³, e tudo o mais sem o que as cidades não podem existir ou ter uma tradição moral consolidada. 86. É que, perguntava ele, se aqueles mestres de retórica englobavam em sua arte tamanha quantidade de temas de suma importância, por que motivo seus livros estavam repletos de proêmios, epílogos e bobagens desse tipo¹⁴ — pois tal era a palavra que usava —, enquanto neles não se encontrava uma letra sequer acerca da organização das cidades, da escrita das leis, da equidade, da justiça, da boa-fé, do domínio dos desejos, da formação do caráter dos homens? 87. Costumava zombar dos próprios preceitos¹⁵, mostrando, assim, que tais mestres não apenas eram desprovidos daquela ciência que reclamavam para si, mas sequer conheciam esta doutrina e método oratórios: julgava que o principal, num orador, era parecer, àqueles perante os quais atuava, tal como desejasse, e que isso se dava por meio de sua reputação, acerca da qual esses mestres de retórica nada haviam transmitido em seus preceitos, e influenciar os ânimos dos ouvintes segundo sua vontade — o que, do mesmo modo, de forma alguma poderia acontecer, se o orador não soubesse por quantos e quais modos, bem como com que gênero de discurso, se movem as mentes dos homens em todas as direções¹⁶. Tais conhecimentos estariam totalmente encobertos e ocultos no cerne da filosofia, sem que os rétores tivessem tomado contato com eles mesmo superficialmente. 88. Menedemo procurava refutar tais ideias antes com exemplos que com argumentos¹⁷. De fato, recitando de memória diversas passagens admiráveis dos discursos de Demóstenes, mostrava que este não ignorava os meios de influenciar os ânimos dos juízes ou do povo em todas as direções por meio do discurso, o que Cármadas afirmava não ser possível alguém saber sem a filosofia. 89. Este lhe respondia não negar que Demóstenes tivesse grande competência e grande capacidade oratória, mas, quer tal capacidade se devesse a seu talento, quer, como era sabido, ao fato de ter sido zeloso discípulo de Platão, não cabia discutir as capacidades de Demóstenes, mas o que ensinavam os rétores¹⁸. 90. Muitas vezes, chegava a ser levado pelo dis-

13 Tópicos tradicionais da filosofia moral antiga.

14 As observações de Cármadas inserem-se numa longa tradição de críticas aos escritores dos manuais de retórica e a sua apresentação da doutrina das partes do discurso. Observamos tal crítica, de início, no *Fedro* de Platão; sendo retomada em seguida por Aristóteles, em sua *Retórica*, e pelos filósofos helenísticos, como se depreende deste passo do *De oratore*. Também Crasso e, com mais contundência, Antônio, retomarão esta crítica. Para referências e uma análise da postura crítica dos manuais apresentada no *De oratore*, cf. Scatolin 2009.

15 Como também farão Crasso e, com mais veemência, Antônio, ao longo do diálogo, contrapondo-se, assim, à posição mais diplomática de Cícero, no prólogo do livro 1. Cf. Scatolin 2009.

16 Trata-se dos elementos tradicionalmente denominados “ético” e “patético” na tradição retórica, embora tal terminologia, técnica e, ademais, grega, seja evitada no diálogo.

17 É revelador o fato de Menedemo, o único orador da discussão, fazer uso apenas de exemplos, não de argumentos, em sua exposição: este seria um irônico exemplo da falta de formação teórica do orador. É de reparar, ainda, que Cármadas, em seguida (1. 90), replicará com exemplos e argumentos.

18 Este argumento de Cármadas espelha, *mutatis mutandis*, a observação de Cévola de que é preciso atentar antes à realidade dos oradores do que à capacidade de Crasso, em 1. 76-77: "Se alguém tiver, sozinho, o domínio de todas elas [sc. artes], e se essa mesma pessoa acrescentar-lhes essa faculdade do discurso minuciosamente ornado, não posso negar que será absolutamente ilustre e admirável. Mas tal pessoa, se existisse, ou ainda se tivesse alguma vez existido, ou mesmo se pudesse existir, com certeza seria apenas você [sc. Crasso], que não somente em minha opinião, mas na de todos, quase não deixou motivo de louvor para os demais oradores — sem ofensa para os presentes. Porém, se a você mesmo nada falta saber que diga respeito às questões públicas e civis, e se tem o domínio daquele conhecimento que acrescenta ao orador, cuidemos para não atribuir a ele mais do que os fatos e a própria realidade permitem."

curso a argumentar que simplesmente não existe uma arte oratória¹⁹, o que mostrara não apenas com argumentos — por nascermos capazes de lisonjear humildemente aqueles a quem é preciso fazer algum pedido, atemorizar em tom de ameaça nossos adversários, narrar um acontecimento, provar o que sustentamos, refutar o que se diz contra nós, enfim, implorar por algo ou deplorá-lo, elementos de que se ocupa toda a faculdade dos oradores²⁰; e pelo fato de o costume e a prática aguçarem a habilidade de raciocínio e estimularem a facilidade de expressão —, mas sustentava ainda com um grande número de exemplos. 91. De fato, afirmava, em primeiro lugar, remontando a uns tais de Córax e Tísias, que eram sabidamente, dizia, os inventores e originadores de tal arte²¹, que nenhum autor de manuais, como se o fizesse de propósito, era sequer medianamente expressivo, enquanto mencionava inúmeros homens extremamente eloquentes que não apenas desconheciam tais questões, mas sequer haviam tido a preocupação de tomar conhecimento delas. Entre eles ainda, quer o fizesse por zombaria, quer assim pensasse, ou antes por ter ouvido falar, citava a mim, que, segundo ele próprio afirmava, não as estudara e, ainda assim, tinha alguma habilidade ao discursar²². Num dos pontos eu concordava prontamente com ele: o fato de não ter estudado²³. Quanto ao outro, julgava que estava zombando de mim, ou então que se enganava. 92. Negava ainda a existência de qualquer arte que não fosse constituída de elementos conhecidos, totalmente compreendidos, voltados a um único fim e nunca enganosos, ao passo que todos os temas tratados pelos oradores seriam duvidosos e incertos, uma vez que são expostos por aqueles que não os dominam totalmente, e são ouvidos por aqueles a quem se deve transmitir, não um conhecimento exato, mas uma opinião de momento, falsa ou, ao menos, obscura. 93. Por que me alongar? Dessa maneira, ele parecia me convencer, naquele momento, de que não existe uma arte do discurso e que, sem o conhecimento do que dizem os filósofos mais eruditos, ninguém é capaz de discursar de modo hábil e copioso. A isso Cármas costumava acrescentar, expressando uma enorme admiração por seu talento, Crasso, que eu lhe parecia um ouvinte dócil, você, um debatedor obstinado. 94. Foi assim que eu, num livrinho que, sem saber ou consentir, escapou-me das mãos, chegando ao alcance do público²⁴, escrevi, influenciado por tal opinião, ter conhecido algumas pessoas expressivas, mas ainda nenhuma eloquente²⁵, pois estabelecia que expressivo é aquele que é capaz de discursar com argúcia e clareza diante de um público mediano, em

19 Desde o *Górgias* platônico, esta observação é um dos pilares da crítica dos filósofos contra os rétores. Nem Cícero, no prólogo, porém, nem as personagens, ao longo do diálogo, parecem considerar a questão muito relevante. Cf. May & Wisse 2001: 20-26.

20 Alusão às partes do discurso, por meio de suas funções. Assim, temos, respectivamente, o exórdio (para as duas primeiras, do ponto de vista, respectivamente, do defensor e do acusador), a narração, a confirmação, a refutação e a peroração.

21 A tradição antiga considerava Córax e Tísias como os inventores da arte oratória, na Sicília do século V. Cole 1991 argumenta que se trataria, historicamente, de uma única pessoa, Tísias, apodado de “corvo” (*córax* em grego).

22 Para a questão do conhecimento teórico e de sua dissimulação por parte dos protagonistas do *De oratore*, leia-se o prólogo do livro 2, particularmente a síntese feita por Cícero em 2. 4: “Ora, as coisas se passavam para os dois da seguinte forma: Crasso desejava não tanto que julgassem que não estudara, quanto que desprezava tais estudos, colocando acima dos gregos a prudência de nossos conterrâneos em todo tipo de assunto; Antônio, por outro lado, considerava que seu discurso resultaria mais aceitável a este nosso povo se pensassem que não tinha absolutamente nenhuma instrução. Assim, ambos aparentariam maior seriedade se um parecesse desprezar, o outro, sequer conhecer os gregos.”

23 A *dissimulatio scientiae* é característica que Crasso e Antônio compartilham com Sócrates. Cf. Zoll 1962: 114 ss.; Leeman & Pinkster 1981: 80-84; Hall 1994: 214.

24 Tal como o *De inventione*, no caso de Cícero, também o *libellus* de Antônio teria escapado das mãos de seu autor contra a sua vontade. Cf. 1. 5 (Cícero escreve a seu irmão Quinto): “Ora, como me disseste várias vezes, pretendes, pelo fato de os escritos que escaparam incompletos e grosseiros de meus apontamentos, quando era menino ou, antes, adolescente, mal serem dignos desta minha idade e desta experiência, granjeada em tantas e tão importantes causas defendidas, que publique algo mais refinado e acabado acerca do mesmo tema.”

conformidade com a opinião comum das pessoas, ao passo que eloquente é aquele capaz de ampliar e ornar de modo absolutamente admirável e grandioso o que deseja, e que retém na mente e na memória todas as fontes de todos os conhecimentos que se relacionam ao discurso. Ainda que tal coisa seja difícil para nós, que, antes de começar a estudar, ficamos sobrecarregados pelas disputas eleitorais e pelo fórum²⁶, consideremos que ela reside na realidade e na natureza. 95. De fato, pelo que posso conjecturar, e pelo talento que observo em nossos contemporâneos, não deixo de ter esperanças de que um dia surja alguém que, com um estudo mais profundo do que temos ou tivemos, com tempo livre, com uma capacidade de aprendizado maior e mais madura, com esforço e aplicação superiores, depois de se dedicar a ouvir seus mestres, a ler e a escrever, venha a se tornar um orador tal qual procuramos, que possa com justiça ser denominado não apenas expressivo, mas também eloquente. No entanto, na minha opinião, ou nosso Crasso aqui já é tal orador, ou, se houver alguém de igual talento, porém com mais estudo, leituras e escritos, pouco terá a lhe acrescentar²⁷.

96. Nesse momento, Sulpício interveio:

— Sem que Cota e eu esperássemos, embora o desejássemos muito, Crasso, você acabou enveredando por essa conversa. Ora, quando vínhamos para cá, pensávamos que já seria bastante prazeroso se, ainda que você falasse de outros assuntos, pudéssemos obter de sua conversa algo digno de memória. Porém, que vocês penetrassem quase no âmago da discussão sobre esta atividade, arte ou faculdade²⁸, parecia-nos quase inimaginável. 97. Na verdade, mesmo eu, que me inflamara de apreço por vocês dois desde bem jovem — e por Crasso, mesmo de devoção, uma vez que não me afastava dele em ocasião alguma²⁹ — jamais consegui arrancar dele uma única palavra acerca da natureza e dos princípios da oratória, embora eu mesmo o tivesse instigado e não raro tivesse tentado que Druso³⁰ o conseguisse. Nesse sentimento, você, Antônio — direi a verdade —, nunca deixou de me ajudar quando o interrogava ou questionava, e inúmeras vezes me ensinou os princípios a que costumava se ater ao discursar. 98. Agora, uma vez que vocês dois abriram o caminho para os conhecimentos que buscamos, e que foi Crasso quem iniciou tal conversa³¹, concedam-nos a gentileza de expor minuciosamente o que pensam acerca de todos os aspectos do discurso. Se obtiver tal favor de vocês, terei esta palestra e sua vila em grande estima, e considerarei este seu ginásio nas proximidades de Roma muito superior à famosa Academia e ao Liceu³². 99. Respondeu-lhe então Crasso:

25 Tal como fará na sequência, em 1. 95, também em 3. 189, depois da longa exposição de Crasso, Antônio observa, em tom gracioso e urbano, que encontrou em Crasso o orador eloquente que procurava: “Quanto a mim [...], já encontrei o eloquente que, naquele pequeno livro que escrevi, afirmara não ter encontrado”.

26 Antônio retoma o argumento apresentado por Crasso em 1. 78.

27 Cf. 1. 81, acima, e nota *ad locum*.

28 Tal como farão os protagonistas, também Sulpício não se posiciona sobre o estatuto da retórica. Sua primeira pergunta a Crasso, por sinal, em 1. 102, é exatamente sobre essa questão.

29 Cf. *Brut.* 203: *Crassum hic [sc. Sulpicius] volebat imitari; Cotta malebat Antonium; sed ab hoc vis aberat Antoni, Crassi ab illo lepos* [“Sulpício desejava imitar Crasso, Cota preferia Antônio. Mas ao primeiro faltava a força de Antônio, ao segundo, o encanto de Crasso”].

30 Tribuno da plebe em 91, data fictícia do diálogo.

31 Cf. 1. 29: “Cota costumava contar que naquele momento, para que as mentes de todos pudessem relaxar da conversa precedente, Crasso iniciara uma conversa acerca do estudo da oratória.”

— Na verdade, Sulpício, peçamos tal coisa a Antônio, que não apenas é capaz de fazer o que solicita, mas já está acostumado a isso, pelo que ouço você dizer. De fato, reconheço que sempre me afastei de qualquer conversa desse tipo e que muitas vezes não assentia a seus desejos e constantes solicitações, como você mesmo disse há pouco. Não o fazia por arrogância ou falta de cortesia, nem por não querer satisfazer a seu desejo tão apropriado e nobre — sobretudo reconhecendo em você, mais que em qualquer outro, uma natureza e uma aptidão para discursar —, mas decididamente por falta de familiaridade com esse tipo de discussão e desconhecimento dos temas³³ que são transmitidos como que numa arte, digamos assim³⁴.

100. Disse Cota, por sua vez :

— Se conseguimos o que nos parecia mais difícil, Crasso — que você chegasse mesmo a mencionar tais coisas —, agora será nossa culpa, se o liberarmos antes de nos explicar tudo o que lhe perguntarmos acerca do restante.

101. — Acerca daquilo, suponho, “que souber e puder” — observou Crasso —, como se costuma escrever nas declarações de aceitação de herança.

Disse Cota então:

— Ora, aquilo que você não puder ou souber, quem de nós é tão impudente a ponto de pretender que sabe ou pode?

— Com a condição, ademais — continuou Crasso —, de que me seja permitido dizer que não posso quando não puder e reconhecer que não sei quando não souber, podem perguntar à vontade.

102. — Sendo assim — disse Sulpício —, queremos saber de você, em primeiro lugar, o que pensa do que Antônio acaba de expor: considera que existe uma arte oratória?

— O quê? Vocês me vêm agora propor, como a um greguinho desocupado e falastrão (ainda que, talvez, douto e erudito), uma questiúncula dessas, para eu falar dela a meu bel-prazer?³⁵ Ora, em que momento creem vocês que me detive ou refleti sobre tais coisas, em vez de sempre zombar da impudência daqueles homens que, mal tomaram assento no auditório, mandam perguntar à grande multidão se tem alguma pergunta a fazer? 103. Dizem que o primeiro a fazer tal coisa foi Górgias de Leontinos, que parecia assumir e professar algo absolutamente grandioso ao se declarar preparado para falar de todos os temas sobre os quais qualquer pessoa quisesse ouvir³⁶. Depois, porém, começaram a fazer isso por toda parte e ainda o fazem,

32 Esta observação de Sulpício complementa o que Cícero afirmara no prólogo, em 1. 23 (“retomarei, não determinada ordem de preceitos tomada aos rudimentos de nossa antiga doutrina de meninos, mas aquilo que, como fiquei sabendo certa vez, foi examinado numa discussão de nossos conterrâneos mais eloquentes e proeminentes em todo tipo de distinção. Não é que eu despreze o que os mestres e professores de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todos, não podendo, por meio de minha tradução, ser explicados com maior ornato ou expressos com maior clareza, acredito que me concederás a licença, meu irmão, de colocar acima dos gregos a autoridade daqueles a quem nossos conterrâneos concederam a suprema excelência na oratória”). De fato, se ali o Arpinate considerara a autoridade dos protagonistas do diálogo superior à dos rétores, aqui Sulpício a considera superior à dos filósofos.

33 Essa é a primeira das muitas tentativas de Crasso, ao longo do diálogo, de se esquivar da discussão técnica sob a alegação de pouco ou parco conhecimento. Cf. Hall 1996 para um tratamento aprofundado da questão.

34 O “como que numa arte” serve como uma espécie de deixa para a pergunta inicial de Sulpício, em 1. 102, sobre o estatuto da retórica como arte.

35 Cf. 1. 47 (fala também de Crasso): “Mas eu mesmo não concordava com eles [sc. com os filósofos que acaba de mencionar] nem com o inventor e originador de tais discussões, de longe o mais solene e eloquente de todos na oratória, Platão, cujo *Górgias* li então muito atentamente com Cármas, em Atenas. Nesse livro, admirava Platão sobretudo pelo fato de, ao zombar dos oradores, parecer ele próprio um exímio orador. *De fato, já há muito a controvérsia em torno de uma palavra atormenta esses greguinhos, mais ávidos de disputa do que da verdade*”

não havendo nenhum tema tão grandioso, tão imprevisto ou tão desconhecido sobre o qual não prometam dizer tudo o que pode ser dito. 104. Se eu imaginasse que você, Cota, ou você, Sulpício, desejava ouvir a respeito de tais questões, teria trazido algum grego até aqui, para que nos deleitasse com discussões desse tipo. Mesmo hoje em dia não é difícil conseguir isso: na casa de Marco Pisão³⁷, jovem que já se dedica a esse estudo, está hospedado um homem de extrema inteligência e grande amigo nosso, o peripatético Estáseas³⁸, com quem tenho grande intimidade e é, segundo observo entre os entendidos, o mais proeminente em seu meio.

105. Observou então Múcio:

— De que Estáseas, de que peripatético está falando? Você deve obedecer à vontade destes jovens, Crasso, que não estão atrás da usual e inútil verbosidade de algum grego ou da vaidade das escolas, mas querem saber o que pensa o homem mais sábio e eloquente de todos, que se destaca por sua prudência e seu uso da palavra não em manuais, mas nas causas mais importantes e nesta sede do poder e da glória, aquele cujos passos desejam seguir³⁹. 106. Quanto a mim, não apenas sempre o considerarei um deus ao discursar⁴⁰, como também nunca o elogiei mais pela eloquência do que pela cortesia. Agora é mais do que decoroso que você faça uso dela e não fuja à discussão que estes dois jovens de enorme talento desejam que comece.

107. — É claro que desejo fazer a vontade deles — respondeu Crasso —, e não me recusarei a dizer sucintamente, como é meu costume, o que penso acerca de cada questão. E, em primeiro lugar, já que, de minha parte, não considero justo negligenciar a sua autoridade, Cévola, respondo que não creio que exista uma arte oratória, ou, se existe, que ela é de bem pouca importância, mas creio que toda a disputa entre os eruditos reside na controvérsia acerca de uma palavra⁴¹. 108. Efetivamente, se uma arte, tal como Antônio expôs há pouco, se define por temas totalmente compreendidos, perfeitamente entendidos, afastados do arbítrio da opinião e abrangidos por uma ciência, não creio que haja uma arte do orador. É que todos os tipos deste discurso que praticamos no fórum são variáveis e adequados ao senso comum e popular⁴². 109. Ora, se as características observadas na prática e no uso da oratória foram percebidas e registradas por homens hábeis e experientes, definidas em termos, elucidadas em gêneros, divididas em espécies — como percebo que pode ter acontecido —, não vejo por que,

36 Tal é o ponto de partida do *Górgias* platônico. Cf. o diálogo entre Querefonte e Górgias, em 447d-448a: “QUE: Entendo. Vou interrogá-lo: Górgias, diga-me se é verdade o que nos conta Cálicles, que prometes responder a qualquer pergunta que alguém te enderece! GOR: É verdade, Querefonte. Aliás, era precisamente isso o que há pouco prometia, e digo: há muitos anos ninguém ainda me propôs uma pergunta nova”. Tradução de Lopes 2011.

37 O cônsul de 61, meros seis anos antes da escrita e publicação do *De oratore*.

38 Filósofo napolitano.

39 Cf. 1. 23 (citado na nota 31, acima) e 1. 98.

40 Para uma interpretação do léxico do divino no *De oratore* e sua aplicação às personagens, leia-se o excelente artigo de Stull 2011.

41 Ou seja, a discussão reside simplesmente no conceito de arte que se tem em mente ao se perguntar se a retórica é uma arte ou não. Crasso responderá com uma *disputatio in utramque partem* em miniatura, sem tomar posição ao final dela: arte ou não, a retórica tem sua importância, mas não basta para se atingir a eloquência. Trata-se de uma retomada das observações feitas por Cícero em 1. 19: “Por essa razão, deixemos de nos perguntar com espanto o motivo da escassez de oradores eloquentes, uma vez que a eloquência é constituída de todos aqueles elementos em que já é bastante notável aperfeiçoar-se isoladamente, e exortemos antes nossos filhos e os demais cuja glória e prestígio nos são caros a tomarem consciência da grandeza da eloquência, e a não confiarem na possibilidade de atingir o que esperam por meio dos preceitos, mestres ou exercícios de que todos se servem, mas por meio de outros recursos.”

42 Tal como a maneira de falar do orador deve ser adequada ao cidadão comum, como Cícero observara em 1. 12 (citado na nota 4, acima), o mesmo deve acontecer no que concerne aos temas de que trata.

se não naquela definição precisa, ao menos de acordo com esta opinião comum, não possa parecer uma arte. Mas, quer se trate de uma arte, quer de uma aparência de arte, ela com certeza não é de se desprezar. É preciso que se entenda, porém, que há elementos mais importantes para se atingir a eloquência.

110. Antônio, então, afirmou estar plenamente de acordo com Crasso, porque, daquela maneira, nem favorecia a arte, tal como era costume daqueles que depositam nela todo o poder da oratória, nem, inversamente, a repudiava por completo, tal como a maior parte dos filósofos⁴³. Disse ele:

— Mas penso, Crasso, que você lhes fará um grande favor se explicar o que considera poder ser mais proveitoso à oratória do que a própria arte.

111. — Eu direi, sim — respondeu Crasso —, pois já comecei a fazê-lo. Apenas pedirei a vocês que não divulguem estas minhas inépcias. Porém, vou me controlar para não parecer, como um mestre ou profissional, que estou fazendo alguma promessa por iniciativa própria, mas, como se fosse um homem comum e não de todo ignorante em meio à multidão de romanos e à prática no fórum, que acabei me deparando casualmente com a conversa de vocês.

112. De minha parte, quando disputava alguma magistratura, costumava, durante a campanha, pedir que Cévola se mantivesse distante de mim, dizendo-lhe que pretendia passar por inepto (ou seja, pedir votos com bajulações, o que não pode ser feito corretamente se não se passar por inepto) e que, de todos os homens, ele era o único em cuja presença eu definitivamente não pretendia passar por inepto. E agora foi justamente ele que o acaso colocou como testemunha e espectador de minhas inépcias. Ora, o que há de mais inepto do que discursar sobre os discursos, quando o próprio discursar é sempre inepto se desnecessário?

113. — Vá em frente, Crasso — disse Cévola —, pois assumirei a responsabilidade que você teme.

— Penso, então — continuou Crasso —, que, em primeiro lugar, a natureza e o engenho conferem o maior poder à oratória e que, na verdade, não faltou, a esses escritores de manuais mencionados há pouco por Antônio, doutrina ou método oratórios, mas talento. De fato, é preciso que algumas operações da mente e da inteligência sejam rápidas, para que sejam perspicazes na reflexão e no desenvolvimento, férteis no ornato, estáveis e duradouras na memória⁴⁴. 114. E, se houver alguém que considere que tais coisas podem ser adquiridas pela arte (o que não é verdade, pois já será algo admirável se tais coisas puderem ser estimuladas e impulsionadas pela arte; elas não podem, porém, ser implantadas ou concedidas pela arte, pois são, todas elas, dádivas da natureza), o que dizer daquelas que sem dúvida nascem com o próprio

43 O acordo entre Antônio e Crasso a respeito do estatuto da arte faz desta observação do narrador um comentário à própria posição da obra como um todo. A concordância entre os dois é mais importante ainda por se encontrar no livro 1, em que Crasso e Antônio assumem posições antagônicas sobre quais devem ser os requisitos de um orador. Nos livros 2 e 3, em contrapartida, denominada *τεχνολογία* [“tratamento sistemático”] pelo próprio Cícero (cf. Cic. *Att.* 4. 16. 3), não haverá mais *disputationes in utramque partem* ou antagonismos conceituais entre os dois protagonistas.

44 “Reflexão” concerne à *inventio*, “desenvolvimento” à *dispositio*, “ornato” à *elocutio* e “memória” à homônima parte da retórica.

homem: a desenvoltura da fala, o timbre da voz, o fôlego, o vigor, certa conformação e aspecto da fisionomia em geral e do corpo?⁴⁵ 115. E não afirmo que a arte não possa aperfeiçoar a alguns, pois não ignoro que o que é bom pode se tornar melhor pela teoria, e que o que não é excelente pode ser aguçado e corrigido. Há, porém, alguns homens de fala tão hesitante, ou de voz tão desarmoniosa, ou de expressão e movimentos corporais tão excessivos e grosseiros, que, ainda que lhes valha a inteligência e a arte, não podem entrar para o número dos oradores. Em contrapartida, há outros de tal forma hábeis nesses mesmos aspectos, de tal forma adornados com os dons da natureza, que não parecem ter nascido, mas ter sido moldados por alguma divindade. 116. É um fardo e um ofício absolutamente grandioso o orador assumir e professar ser o único, em meio ao silêncio geral, a ser ouvido acerca dos assuntos mais importantes numa grande reunião de pessoas. É que não há praticamente ninguém presente que não veja com mais clareza e distinção, naquele que discursa, os erros do que os acertos. Assim, o menor deslize põe por terra mesmo o que é digno de louvor. 117. E não faço tais afirmações com a intenção de afastar completamente do estudo da oratória os jovens que acaso careçam de algum dom natural⁴⁶. Pois quem não vê que mesmo a oratória limitada que Gaio Célio⁴⁷, meu contemporâneo, alcançara, fosse ela qual fosse, conferiu enorme respeito a ele, mesmo sendo um homem novo?⁴⁸ Quem não percebe que o contemporâneo de vocês, Quinto Vário⁴⁹, homem grosseiro e repulsivo, obteve grande influência na cidade devido àquela mesma capacidade, qualquer que tenha sido?⁵⁰ 118. Porém, como estamos investigando o orador em si⁵¹, devemos imaginar, em nosso discurso, um orador isento de qualquer vício e pleno de todo mérito. E não é pelo fato de o grande número de litígios, a variedade de causas, essa turba rude do fórum darem espaço mesmo aos oradores mais medíocres que deixaremos de lado o que buscamos. Desse modo, nas artes em que não se busca uma utilidade indispensável, mas divertimento livre para o espírito, como somos meticolosos e quase desdenhosos ao julgar! É que não há litígios ou controvérsias que obriguem os homens a suportar maus atores no teatro, como suportam oradores ruins no fórum. 119. Portanto, o orador deve cuidar ao máximo não apenas para que satisfaça àqueles a quem é preciso satisfazer, mas para que pareça admirável àqueles a quem é permitido julgar livremente⁵². E, se querem saber, declararei abertamente, diante de homens com quem tenho grande intimidade, o que penso, algo que sempre calei e sempre julguei por bem calar: para mim, mesmo aqueles que discursam melhor e que são capazes de fazê-lo com extrema facilidade e distinção, se não se põem a discursar de modo rece-

45 Aspectos da *actio*, a quinta parte da retórica.

46 Mesma atitude adotada por Cícero no prefácio, em 1. 21 ("Mas não imporei aos oradores nossos conterrâneos, imersos em tamanha ocupação com a vida na Cidade, o fardo imenso de considerar que não lhes é permitido desconhecer nada, embora o conceito de orador e o próprio fato de que alega discursar bem pareçam uma admissão e uma promessa de que ele é capaz de discursar de maneira ornada e copiosa acerca de todo e qualquer tema proposto"): não desencorajar os mais jovens com exigências muito grandes, apesar de apresentá-las (aqui, exigências mais gerais; no prefácio, demandas concernentes aos conhecimentos do orador).

47 Um dos cônsules de 94.

48 *Homo novus* ("homem novo") designa o senador que não tem antecedentes senatoriais em sua família, tal como o próprio Cícero.

49 Quinto Vário Híbrida seria tribuno da plebe em 90 e morreria no exílio em 89.

50 Em 1. 15 Cícero já elencara como recompensas da oratória a *gratia*, as *opes* e a *dignitas* ("Para tal estudo [sc. da oratória] eram oferecidas, como hoje em dia, as maiores recompensas concernentes à influência, à autoridade ou ao prestígio"). Aqui, Crasso fala em *honos* no caso de Gaio Célio, conceito análogo a *dignitas*, e em *gratia* no caso de Quinto Vário.

51 "O orador em si", tradução de *de oratore*: um aceno de Cícero, por meio de Crasso, ao título da obra e, mais importante ainda, a seu enfoque.

52 Ou seja, o orador deve persuadir os jurados e, ao mesmo tempo, deleitar a *corona*, isto é, a multidão de curiosos que podia juntar-se para assistir aos julgamentos.

oso e não se perturbam ao começar seu discurso, parecem quase impudentes⁵³. Contudo, é impossível que isso aconteça, 120. pois quanto melhor alguém é capaz de discursar, mais teme a dificuldade da oratória, os diversos resultados de um discurso e a expectativa das pessoas. Ora, quem não é capaz de realizar ou proferir algo digno do tema, digno da palavra “orador”, digno dos ouvidos das pessoas, para mim, ainda que se mostre nervoso ao discursar, parece impudente. De fato, não é sentindo pudor, mas não fazendo o que não convém, que devemos evitar a reputação de impudência. 121. Já aquele que não tem pudor — e vejo que isso acontece à maioria — é digno não apenas de censura, mas também de castigo, segundo penso. De minha parte, costumo não apenas notar em vocês, mas também experimentar eu mesmo, inúmeras vezes, palidez no começo do discurso e tremor por toda a alma e por todos os membros. Quando ainda bastante jovem, estava a tal ponto aterrorizado no início de meu discurso de acusação, que fiquei devendo a Quinto Máximo o enorme favor de suspender a sessão tão logo me viu enfraquecido e debilitado pelo medo⁵⁴.

122. Nesse momento, todos passaram a dar mostras uns aos outros de seu assentimento e a conversar. É que havia em Crasso um pudor absolutamente admirável, que, contudo, não apenas não atrapalhava o seu discurso, como ainda lhe era útil pela recomendação que fazia de sua integridade.

53 Talvez o exemplo mais célebre da exploração desse *tópos* na obra oratória de Cícero seja o exórdio da *Defesa de Milão* (1-3), em que o Arpinate fala de seu receio de discursar em meio a soldados armados no fórum, situação de exceção provocada pelos tumultos que se seguiram ao assassinato de Públio Clódio.

54 Trata-se do processo 30, na lista de Alexander 1990: 16, que elenca todos os passos do *De oratore* e dos demais textos antigos a ele concernentes. Em 119, o jovem Crasso acusara Gaio Papírio Carbão, possivelmente segundo a *lex Acilia de repetundis* [“lei Acilia de extorsão”]. Carbão foi condenado e, em consequência, suicidou-se.

Referências

- Alexander, M. C. *Trials in the Late Roman Republic, 149 BC to 50 BC*. Toronto/Buffalo/London, University of Toronto Press, 1990.
- Cole, Th. “Who was Corax?” *Illinois Classical Studies*, Vol. 16, No 1/2, pp. 65-84 (Spring/Fall 1991).
- Hall, J. “Persuasive Design in Cicero’s *De oratore*”. *Phoenix*, Vol. 48, No. 3, pp. 210-225 (Autumn, 1994).
- “Social Evasion and Aristocratic Manners in Cicero’s *De oratore*”. *The American Journal of Philology*, Vol. 117, No. 1, pp. 95-120 (Spring, 1996).
- Kumaniecki, K. F. (ed.). *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3: De oratore*. Leipzig, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.
- Leeman, A. D. & Pinkster, H. (com.), *M. Tullius Cicero De oratore libri III—Kommentar*, Band 1. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1981.
- Lopes, D. R. N. (org.). *Górgias de Platão*. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- May, J. M. & Wisse, J. (org.). *Cicero. On the Ideal orator*. New York/Oxford, Oxford University Press, 2001.
- Scatolin, A. “A postura polêmica de Cícero no *Diálogo do orador*: a crítica dos *scriptores artium*”. *Classica (Brasil)* 22, 2, pp. 198-215, 2009.
- Stull, W. “*Deus ille noster*: Platonic Precedent and the Construction of the Interlocutors in Cicero’s *De oratore*”. *Transactions of the American Philological Association*, Volume 141, Number 2, pp. 247-263 (Autumn 2011).
- Zoll, G. *Cicero Platonis Aemulus*. Zürich, Juris-Verlag, 1962.